

---

**Derlei Catarina de Luca: “Poderia ter uma vida simples, como professora, mas não era esse o meu destino...”**Samira Peruchi Moretto<sup>1</sup>

Quando oficialmente me convidaram para escrever sobre a professora Derlei Catarina de Luca, eu ainda estava muito abalada com a notícia de seu falecimento, mas sem titubear, aceitei o convite de prontidão. Assim que comecei a cunhar o presente relato, me questionei se teria capacidade de transpor em palavras a magnitude dessa mulher, que militou bravamente durante o período da ditadura civil-militar, que incessantemente buscou justiça após a redemocratização, em suma, ofereceu a sua vida a uma causa. Desta forma, o presente texto se limita a um simples relato de uma ex-aluna, que seguiu sua carreira acadêmica influenciada pela aquela professora do terceiro ano do Ensino Médio, que relatava a história de forma apaixonada e instigante.

Estudei durante toda a minha formação escolar num colégio católico em Criciúma, sul do estado de Santa Catarina. A escola apresentava normas rígidas e por mim, naquele período, nada era passível a questionamentos ou transgressão. Assim foi grande parte da minha formação, vivia numa caixinha, onde muito era imposto e quase nada questionado. Quando estava entrando no Ensino Médio, já tinha em mente o que eu gostaria de exercer enquanto profissão, queria lecionar, ser professora. Eu estava em dúvida apenas em qual seria a área que eu deveria seguir: História ou Biologia. Gostava muito de Biologia, tinha interesse por questões relacionadas à genética humana, que noticiava novas descobertas no final do século XX. Porém eu tinha receio quanto a estudar as ciências biológicas, por ter grande aversão ao Reino Vegetal, achava enfadonho. Bom, relato essa particularidade por um fator bastante curioso e talvez até irônico, escolhi estudar História, Derlei não me deixou dúvidas. Todavia, não consegui fugir do Reino Vegetal, me embrenhei por ele, não apenas em figura de linguagem, pois escolhi estudar História Ambiental e dediquei grande parte dos meus estudos à pesquisa sobre as relações dos seres humanos com as florestas do Sul do Brasil. Talvez até mesmo essa minha escolha tenha ligação com os ensinamentos de Derlei, que nos mostrou durante as nossas aulas, que até mesmo a degradação do Rio Criciúma fazia parte da História do nosso município.

---

1 Doutora em História. Professora do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul/UFSF – Campus Chapecó. Diretora da ANPUH – Seção Santa Catarina (2016 a 2018). E-mail: [samira.moretto@uffs.edu.br](mailto:samira.moretto@uffs.edu.br)



---

Gostaria de deixar registrado o nosso primeiro dia de aula de História no terceiro ano, por conta de uma particularidade. Noticiaram aos alunos sobre uma nova professora, nos apresentada previamente como uma excelente profissional, que havia sofrido “tortura durante o período do regime militar”. Até hoje me questiono se essa curta e contundente apresentação era para nos despertar curiosidade ou era algo que realmente estava intrínseco quando vinha à tona o nome da professora Derlei?

Eu havia tido outras professoras de história no Ensino Fundamental e Médio, das quais não posso levantar queixas, mas também não posso deixar de dar os méritos à Derlei, que foi além do livro didático e nos mostrou que havia muito mais que considerávamos História. Ela fazia conexões com o nosso cotidiano e trazia explicações que pareciam tão óbvias, mas que eu nunca havia notado antes de suas interpelações. Foi ela que me apresentou a história local, e apontou como era importante entender a formação da sociedade para entender a história. Foi durante as suas aulas que soube o que era uma fonte histórica. Derlei, de forma simples e didática nos mostrou a importância dos jornais para entendermos as mentalidades e os anseios de uma sociedade, num determinado período. Ela nos relatou como as entrevistas eram capazes de apresentar minúcias do cotidiano ou transpor informações não registradas anteriormente em outros documentos. Nos cativou e exerceu seu papel de forma sublime.

Mesmo quando estava em sala de aula como “uma simples professora”, Derlei se destacava e assumia a postura de professora educadora. Mostrando que a simplicidade desta profissão se ofusca quando o professor a exerce com louvor, assim era feito por Derlei. No decorrer da minha formação, cada vez mais fui valorizando os ensinamentos dela e suas aulas de História. Vislumbrei nela, o perfil de uma professora comprometida, que estimulava a crítica e acreditava que o aluno é agente ativo e capaz. Essa postura de professora, que lamentavelmente é atualmente combatida por movimentos ilegítimos, que pretendem manter as caixinhas fechadas, desestimulando, repreendendo os professores e retirando a liberdade de expressão no exercício da sua atividade profissional.

Mesmo antes da professora Derlei publicar a obra *No corpo e na alma*<sup>2</sup>, descrita por ela como uma catarse, tive a oportunidade de ouvir muitos de seus relatos. Eram envolventes suas aulas, especialmente, quando retratava o século XX e o período republicano no Brasil. Eu buscava no final da classe, já nos corredores, saber um pouco mais de sua luta e atuação no período da ditadura civil-militar. Uma certa vez, ela contou sobre sua estadia no Chile e o exílio em Cuba. Como ela precisou se desprender de estigmas e preconceitos, para viver em meio a

---

2 DE LUCA, Derlei. *No Corpo e na alma*. Criciúma: Ed. do autor, 2002.



---

uma sociedade tão distinta. Na minha ingenuidade pueril, mesmo sabendo da sua militância, ela se destacava por ser uma excelente professora, e era este fato que a fazia tão especial.

Os anos passaram, terminei minha graduação, o mestrado e doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina. Em 2014, estava trabalhando como professora substituída no Departamento de História, na mesma instituição e era secretária da Associação Nacional de História (ANPUH) - Seção SC. Organizamos o XV Encontro Estadual de História da ANPUH-SC, por conta da data e escolhemos como título e tema do evento: “1964-2014: Memórias, Testemunhos e Estado”. Buscamos reunir pesquisadores, estudantes e interessados, para discutir diferentes perspectivas e enfoques, passados cinquenta anos da instalação do regime militar no Brasil.

Quando ainda estávamos nos preparativos, levantando os possíveis nomes de convidados para comporem as mesas redondas, vários de nós lembramos da professora Derlei. Ela aceitou nosso convite e fez parte de uma mesa: *Comissão da Verdade e outros processos de memória*, que aconteceu no dia 14 de agosto de 2014. Havíamos trocado alguns e-mails previamente, mas no dia, fiz questão de recebê-la e rememorar-la quem eu era. Foi para mim um grande acalento diante do momento da notícia de sua morte, saber que eu tive a oportunidade de dizer a ela o quanto sua motivação foi determinante para minha escolha profissional e que ela era, sem dúvida, uma referência para minha vida. No nosso último encontro, pude dizer também que tinha muito orgulho de ter sido sua aluna. Naquele dia posamos para um retrato, que guardo com apreço, ganhei um forte abraço e uma carinhosa dedicatória na contracapa do livro de sua autoria.

Fruto daquele evento e da mesa redonda, foi publicado um texto na *Fronteiras: Revista Catarinense de História*<sup>3</sup>, relatando os trabalhos da Comissão Estadual da Verdade de Santa Catarina. A comissão, criada por decreto governamental em março de 2013, tem como objetivo de efetivar o direito à memória, se propõe a examinar e esclarecer as violações de direitos humanos praticadas por motivação exclusivamente política, ocorridas entre 1946 e 1988. O texto escrito por Derlei, intitulado *A Busca da Verdade*, historiciza os trabalhos da Comissão, aponta alguns dos resultados, publiciza nomes de pessoas que estiveram sob a mira do aparato repressivo, informa as formas de resistências; elenca assassinatos, torturas. O relato foi concluído com sentenças incisivas: “Para que nunca se esqueça. Para que nunca mais aconteça”, o que resumia não somente o texto, mas o desejo de Derlei.

---

3 FAVERI, M. (Org.); MORETTO, S. P. (Org.); SILVA, J. G. (Org.). *FRONTEIRAS: Revista Catarinense de História - Dossiê - 1964-2014: memórias, testemunho e Estado*. 24. ed. Florianópolis: ANPUH-SC, 2014. v. 01.



Derlei Catarina de Luca: “Poderia ter uma vida simples, como professora, mas não era esse o meu destino...” -  
Samira Peruchi Moretto

---

Iniciei e encerro este texto com o seguinte trecho escrito por ela: “Poderia ter uma vida simples, como professora (...) acho que faria tudo de novo”, frase proferida em julho de 2017, para o *Jornal Notícias do Dia*<sup>4</sup>. Essa frase, irrigada de tantos significados, mostrou que mesmo com sofrimento, ausências e dor, marcados no corpo e na alma, Derlei não esboçava traços de arrependimentos, lutou. A mesma frase despertou uma inquietude pessoal, que me fez refletir diante do cenário político que estamos vivendo. Será que quantos de nós preferirão uma vida simples, se acomodar, cruzar os braços, enquanto a luta contra as injustiças e a necessidade de transformação nos chama?

## Referências

DE LUCA, Derlei. *No Corpo e na alma*. Criciúma: Ed. do autor, 2002.

FAVERI, M. (Org.); MORETTO, S. P. (Org.); SILVA, J. G. (Org.). *FRONTEIRAS: Revista Catarinense de História - Dossiê - 1964-2014: memórias, testemunho e Estado*. 24. ed. Florianópolis: ANPUH-SC, 2014. v. 01.

SCHMITZ, Paulo Clóvis. Projeto revela novos detalhes da ditadura, como prisão e morte de Paulo Stuart Wright. *Notícias do Dia*. Florianópolis, 15 de julho de 2017. Disponível em: <https://ndonline.com.br/florianopolis/especiais/projeto-revela-novos-detalhes-da-ditadura-como-prisao-e-morte-de-paulo-stuart-wright> Acesso novembro de 2017.

---

Recebido em 19 de fevereiro de 2018.

Aceito para publicação em 20 de fevereiro de 2018.

---

4 SCHMITZ, Paulo Clóvis. Projeto revela novos detalhes da ditadura, como prisão e morte de Paulo Stuart Wright. *Notícias do Dia*. Florianópolis, 15 de julho de 2017. Acesso novembro de 2017. Disponível em: <https://ndonline.com.br/florianopolis/especiais/projeto-revela-novos-detalhes-da-ditadura-como-prisao-e-morte-de-paulo-stuart-wright>

